

EXPANDINDO O CONCEITO DE ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO

EXPANDING THE CONCEPT OF JOURNALISTIC ECOSYSTEM

Carlos Eduardo Franciscato

Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5108-8677>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.69441

RESUMO:

O termo “ecossistema” é de uso recente na literatura em jornalismo e tem se sofisticado com a digitalização e as tecnologias de comunicação em redes online nas últimas décadas, mas ainda apresenta insuficiências. O objetivo deste artigo é expandir a configuração da noção de ecossistema jornalístico, executando três movimentos investigativos: a presença da expressão em artigos científicos disponíveis na plataforma Web of Science; uma análise de 38 relatórios com diagnósticos empíricos sobre transformações contemporâneas do jornalismo produzidos por três institutos internacionais reconhecidos em pesquisa sobre jornalismo - Reuters Institute for the Study of Journalism (Universidade de Oxford), Tow Center for Digital Journalism (Universidade de Columbia) e Pew Research Center - em um período de 20 anos (2004 a 2023); e uma pesquisa em bibliografia de referência articulando trabalhos em perspectiva ecológica e estudos em jornalismo para a compreensão desses ambientes. A investigação constatou uma fragilidade nas noções de ecossistema jornalístico aplicadas nos relatórios e ofereceu um conjunto com seis características para sua delimitação: interações e interdependências; espacialidade e territorialidade; permeabilidade dos ecossistemas às tecnologias digitais; dinâmicas e relações de poder; fragmentações, resistências, dissidências e insurgências; e mutação contínua, hibridismo e fluidez.

PALAVRAS-CHAVE: Ecossistema jornalístico, ecossistema sociotecnológico, paradigma ecológico, campo do jornalismo, interações sistêmicas.

ABSTRACT:

The use of the term “ecosystem” to describe communication environments has been recent in journalism literature and has become more sophisticated with digitalization and online communication technologies in recent decades, but it still has shortcomings. The objective of this article is to expand the definition of the journalistic ecosystem, implementing three investigative steps: the presence of the term in scientific articles available on the Web of Science platform; an analysis of 38 reports with empirical diagnoses of contemporary transformations in journalism produced by three internationally recognized journalism research institutes: the Reuters Institute for the Study of Journalism (University of Oxford), the Tow Center for Digital Journalism (Columbia University), and the Pew Research Center over a 20-year period (2004 to 2023); and a search of reference bibliographies linking works from an ecological perspective and journalism studies to understand these environments. The study identified weaknesses in the notions of the journalistic ecosystem applied in the reports and offered a set of six characteristics for its delimitation: interactions and interdependencies; spatiality and territoriality; permeability of ecosystems to digital technologies; dynamics and power relations; fragmentation, resistance, dissent and insurgencies; and continuous mutation, hybridity, and fluidity.

KEYWORDS: Journalistic ecosystem, socio-technological ecosystem, ecological paradigm, field of journalism, systemic interactions.

INTRODUÇÃO

O termo “ecossistema” é de uso recente na literatura em jornalismo. Sabemos que ele é originário de uma perspectiva de ecologia da mídia, conforme abordado por Marshall McLuhan (1969) e Neil Postman (Scolari, 2010) na segunda metade do século XX. Entretanto, uma construção mais refinada, reunindo olhares biológicos e sistêmicos, tem alcançado nas últimas décadas um novo grau de sofisticação com a digitalização e as tecnologias de comunicação em redes online.

Esse retrato é verificável, por exemplo, na emergência do termo *media ecosystem* em publicações científicas. Christopher Anderson (2016) remete as origens da formulação a 2001, em uma breve indicação de Henry Jenkins (2001). Procura, então, identificar duas perspectivas de análise sobre o ecossistema de mídia, denominadas de abordagem ambiental (*environmental*) e rizomática (*rhizomatic*), a primeira focada principalmente nos elementos e fatores ambientais estruturantes (particularmente tecnológicos) que

envolveriam os seres humanos e ampliariam suas capacidades perceptivas e comunicativas, e a segunda direcionada a perceber, à semelhança da metáfora biológica do rizoma, o poder de expansão das conexões espalhadas pelas redes fora de determinações estruturais.

Em uma consulta mais sistemática à plataforma Web of Science (uma das principais bases científicas de dados do mundo, mantida pela Clarivate Analytics) em julho de 2025, utilizando o descritor em língua inglesa “*media ecosystem*”, foram encontrados 471 artigos em periódicos científicos indexados pela plataforma. A menção mais antiga data de 2010, e uma concentração de trabalhos (80,4% das menções) ocorreu de 2018 a 2025 (esta pesquisa abrangeu até julho de 2025). São trabalhos com forte enfoque em experiências do uso de tecnologias em ambientes digitais.

Para um recorte mais marcadamente jornalístico, o repositório ofereceu resultados diferenciados. Duas buscas foram feitas, com os descritores “*journalistic ecosystem*” e “*news ecosystem*”. O primeiro termo gerou uma amostra pouco significativa de quatro artigos; o segundo mostrou-se mais incorporado pela comunidade acadêmica, com 82 registros. Neste segundo grupo, o artigo mais antigo é de 2010, e a concentração de trabalhos alcança 81,7% entre 2018 e julho de 2025.

A título de ilustração, foi possível visitar publicações dos autores que pesquisam jornalismo mais citados nos dois extratos (“*media ecosystem*” e “*news ecosystem*”). No primeiro termo, entre os quatro autores mais citados encontraram-se dois de países ibéricos, João Canavilhas e Xosé López-García. No segundo, o pesquisador anglo-saxão Robert Picard (2014) surgiu com maior número de citações.

Das obras desses autores, é possível extrair características iniciais sobre o ecossistema jornalístico/noticioso. Canavilhas (2011) compreende um ecossistema como um ambiente configurado por três tipos de fatores: intermediáticos (mídias e suas relações), contextuais (aspectos espaciais e relações de consumo de mídia) e tecnoambientais (dispositivos e interfaces de circulação e interação). Nesse ambiente, há a ascendência das novas mídias operando em plataformas e redes sociais digitais e estimulando um consumo individual, móvel, contínuo e global, expandindo o ecossistema para novos públicos ativos com ênfase em interatividade.

A perspectiva de Robert Picard (2014) valoriza o desenho de um ecossistema noticioso composto por organizações envolvidas na produção e distribuição de conteúdos informativos e suas ações de troca e convergência digital. Percebe um sistema de mídia mais flexível

e aberto a novos meios (menores e mais ágeis em relação às corporações de mídia), com perfil cooperativo e maior interação com públicos. Abordagem semelhante desenvolve Xosé López-García, Silva-Rodríguez e Vázquez-Herrero (2023, p. 3) ao afirmarem que “El campo periodístico se ha expandido en los últimos veinte años”, e os nativos digitais vêm tendo atuação relevante nessa transformação. Emergem fatores como a hibridização da cultura jornalística e o papel de novos atores nas margens desse jornalismo.

A diferenciação feita por Wiard (2019) produz um refinamento na diferença entre “*news ecology*” e “*news ecosystems*”. Enquanto a noção de “ecologia de notícias” deriva da perspectiva de ecologia da mídia, “o uso da metáfora do ‘ecossistema de notícias’ nos estudos de jornalismo é mais recente e foca na diversidade de atores envolvidos na produção e difusão de notícias” (Wiard, 2019, p. 1).

Essa amostra inicial de noções sobre ecossistema midiático ou jornalístico apresenta uma delimitação eficaz, mas insuficiente de ecossistema comunicacional. Isso porque é necessário recuperar a amplitude da comunicação como um processo social de troca, uma relação social, em que comunicação e sociedade são vistas como mutuamente constituídas. Esses processos ocorrem tanto no nível material das estruturas e instituições sociais quanto no nível da cultura, do significado e da subjetividade (Mosco, 2009). Em uma dimensão mais concreta, Mosco (2016) direciona seu olhar para as corporações de mídia e, no caso das mídias jornalísticas, nas formas como opera a cadeia de produtores, distribuidores de conteúdo, os modos de consumo e uso desses produtos por leitores, realimentando a cadeia da produção.

A partir desse primeiro movimento, o objetivo deste artigo foi expandir a configuração do ecossistema jornalístico, executando dois novos procedimentos investigativos. O segundo movimento consistiu em uma análise de 38 relatórios com diagnósticos empíricos sobre transformações contemporâneas do jornalismo produzidos por três institutos internacionais reconhecidos em pesquisa sobre o jornalismo: Reuters Institute for the Study of Journalism (Universidade de Oxford), Tow Center for Digital Journalism (Universidade de Columbia) e Pew Research Center. O período abrangeu 20 anos de estudos sobre o jornalismo (2004 a 2023). Esse percurso serviu como um mapeamento de usos de noções sobre ecossistema em jornalismo.

O terceiro movimento foi um esforço dedutivo, com base em literatura de referência, de busca de perspectivas mais densas da noção de ecossistema ao enriquecê-la com

análises sobre ambientes de produção, distribuição, consumo e uso de produtos jornalísticos. O movimento dedutivo esteve baseado em uma linha argumentativa que executou um esforço relacional entre, por um lado, uma dimensão processual e interacional dos estudos de ecossistema e, por outro, uma dimensão material da constituição das organizações jornalísticas em grandes conglomerados de mídia. Foi dada ênfase a processos em andamento nas últimas décadas, marcados por uma crescente fragmentação e capilarização da atividade e das organizações jornalísticas, assim como o estabelecimento de novas relações (alianças, disputas) com empresas de tecnologia (por exemplo, as grandes plataformas digitais).

Para a análise, utilizamos a noção de ecossistemas sociotecnológicos operando na dupla dimensão da construção de interações significativas e da materialidade das estruturas. Foram observadas dinâmicas e relações de poder, interações sistêmicas, hibridismos, resistências, dissidências e insurgências, entre outros, apontando, portanto, o dinamismo e o conflito das forças que atravessam os ecossistemas. Os dois movimentos serão apresentados nos itens a seguir.

DIAGNÓSTICOS SOBRE O JORNALISMO

A investigação sobre os 38 relatórios com diagnósticos sobre o estado da arte da atividade e das organizações jornalísticas em várias partes do mundo consistiu em uma pesquisa documental que utilizou, como acervo de pesquisa, os seguintes materiais:

- a) Reuters Institute for the Study of Journalism (RISJ): relatório anual *Digital news report* (12 edições, de 2012 a 2023) e relatório anual *Journalism, media, and technology - trends and predictions* (8 edições, de 2016 a 2023);
- b) Tow Center for Digital Journalism (TCDJ): relatório anual *Platforms and publishers* (3 edições, de 2017 a 2019);
- c) Pew Research Center (PRC): relatório anual *State of the news media* (15 edições, de 2004 a 2018).

Sabemos que esses três institutos são mantidos com recursos de várias origens, mas com predominância de fundações (Thomson Reuters Foundation, Tow Foundation e The Pew Charitable Trusts são, respectivamente, as principais mantenedoras de cada instituto) com diferentes composições societárias e atuações, seja com perfil mais empresarial,

acadêmico ou independente (não lucrativo). Em linhas gerais, produzem diagnósticos e incentivam a atuação da mídia próxima às demandas dos setores produtivos, governamentais e sociais. Ao analisar a atuação dessas fundações no jornalismo a partir da literatura sociológica, Browne (2010) levanta questões sobre os propósitos da filantropia, sobre a transparência da mídia que utiliza material financiado filantropicamente e sobre a suposição de um “interesse público” unitário comum tanto à filantropia quanto ao jornalismo tradicional. Essa forma de financiamento dos institutos exige cautela, sobretudo porque se espera que os relatórios pesquisados apresentem maior densidade teórica ou formulação conceitual.

Somados, os 38 relatórios alcançam 20 anos de diagnósticos sobre o cenário de operação e transformação das organizações jornalísticas consolidadas e da atividade jornalística por elas produzida. Para os propósitos desta pesquisa, o período de coleta dos relatórios reuniu descrições e análises sobre as transformações em curso no setor, sendo útil, portanto, como fonte de busca de pistas sobre a emergência desse novo ambiente fortemente digitalizado, o “ecossistema jornalístico”. Por serem relatórios com foco descritivo, a expectativa inicial era de que as referências às configurações desse ecossistema fossem pontuais, imprecisas e instáveis, o que de fato se comprovou.

Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo indutiva (Bardin, 2003), de perspectiva interpretativa construtiva, aplicada aos relatórios enquanto unidades de análise, a fim de serem geradas inferências sobre o material. Foram executadas buscas com o termo “ecosystem” e seus correlatos na integralidade dos textos. Ao ser localizado o termo, procedeu-se a extração do parágrafo em que se encontrava, a fim de dar contexto de uso e revelar os sentidos, as características e as noções aplicadas. A análise dos dados foi feita a partir do software Excel, sendo adotadas regras de enumeração por meio da contagem de registros, com base em critérios de presença e frequência (Bardin, 2003). O termo “ecosystem” apareceu 104 vezes, e os principais sentidos atribuídos a ele estão no Quadro 1.

Quadro 1: Presença do termo “ecossistema” nos relatórios (2002-2023)

Presença	Descrição	Frequência
Ecossistema jornalístico	Menção à caracterização midiática das organizações e ao seu papel jornalístico e editorial (o termo “news” compõe sete das 12 expressões identificadas)	46
Ecossistema	Uso do termo isolado, sem caracterização de tipo ou forma específica	19

Presença	Descrição	Frequência
Ecosistema informacional	O uso dessa expressão busca designar o ecossistema jornalístico ou um ambiente digital com circulação ampla de informações	11
Ecosistema midiático	O termo mídia foi normalmente aplicado em sentido mais aberto, sem ênfase jornalística	10
Ecosistema digital	Houve uma diversidade de usos dessa expressão, sempre ressaltando as características da digitalização na configuração do ambiente	8
Ecosistema de plataformas	Expressou uma intenção de demarcar as plataformas e redes sociais digitais como atores com papel proeminente no ambiente	6
Outros	Sentidos isolados do termo, sem indicar uma forma específica	4
Total		104

Fonte: relatórios RISJ, TCDJ e PRC (2004-2023).

De início, é possível perceber um aspecto semelhante na pesquisa realizada anteriormente nos artigos científicos no Web of Science e nos 38 relatórios dos diagnósticos jornalísticos contemporâneos: a principal nomeação do ecossistema jornalístico ocorreu com o uso do termo “news” junto a “ecosystem”, a fim de delimitar a especificidade do campo jornalístico. Os relatórios também trouxeram uma segunda constatação: se, por um lado, o ecossistema de notícias é referência consistente (44,2%), o uso mais aberto do termo “ecossistema” em aspectos variados (midiático, digital, informacional, plataformas) alcançou 51,9% das ocorrências. Isso poderia ser fruto tanto de uma imprecisão conceitual quanto de uma percepção de escala dos ecossistemas, seja em um nível micro (jornalístico) ou macro (informacional ou digital).

Mas a principal percepção desse mapeamento foi a de que essa variedade de nomeações também trazia uma ausência de definições sobre os fenômenos. Entende-se que a meta desses relatórios era fornecer diagnósticos atualizados de cenários jornalísticos em realidades concretas. Nessas operações de nomeação, o sentido de ecossistema jornalístico foi afirmado com o acréscimo, ao termo “ecossistema”, de expressões já convencionais na caracterização do jornalismo tradicional, como “print and broadcast”, “news delivery”, “local news”, “news media”, “publishing” e “journalism”. Esses modos de formulação sinalizaram que, embora os relatórios tenham sido elaborados por equipes de pesquisadores vinculados a institutos de pesquisa de referência no jornalismo, não apresentaram uma compreensão mais precisa sobre como se configuram os atores, fenômenos e ambientes jornalísticos contemporâneos.

JORNALISMO, ECOLOGIA E ESTRUTURA SOCIAL

Constatadas essas insuficiências, optou-se então por executar uma terceira etapa, aliçada em uma visita a teorias e conhecimentos de referência, seja na perspectiva processual e interacional dos estudos de ecossistema oriunda de uma matriz ecológica, seja no reconhecimento da estrutura material (organizacional, econômica e política) como fator transversal aos sistemas de mídia. Buscaram-se elementos conceituais que possibilitassem densificar a noção de ecossistema jornalístico, oferecendo parâmetros ou características que complexificassem sua delimitação.

Um entendimento comum sobre a constituição da noção de ecossistema na perspectiva ecológica está na aproximação dos conceitos de ecologia (biologia) e sistema (informacional, computacional). Em linhas gerais, busca-se indicar duas condições de existência: a presença de diversidade e complementaridade entre seres que habitam um mesmo espaço; e a existência de relações de interdependência que conectam/dão coesão a um ambiente. A construção do conceito de ecossistema midiático em Canavilhas (2011) tem uma analogia com o modelo biológico, como na descrição dos componentes bióticos (seres vivos) e abióticos (meio ambiente) de um ecossistema, ou no reconhecimento de uma cadeia alimentar entre consumidores primários, secundários e terciários em um ecossistema biológico.

Entretanto, a perspectiva ecológica na comunicação não parte centralmente dos fenômenos e modelos de estudo da biologia. Estudos de ecologia das mídias emergiram fortemente da abordagem tecnológica e de seus impactos sociais sobre a sociabilidade, as organizações de mídia e as interações humanas, em obras de autores como Harold Innis, Marshall McLuhan, Neil Postman e Walter Ong, publicadas na primeira ou na segunda metade do século XX. Innis (1950) buscou mostrar como a natureza das tecnologias de comunicação tem criado ambientes (ecologias) primordiais na formação, consolidação e decadência de civilizações e impérios. Carey (1975, p. 38) percebeu o impacto dessa visão de Innis sobre a ideia de cultura ao afetar as estruturas de pensamento dos temas de interesses, a construção simbólica e a natureza da comunidade. “A ecologia das mídias pode ser sintetizada em uma ideia básica: as tecnologias (neste caso, as tecnologias de comunicação, da escrita às mídias digitais) geram ambientes que afetam aqueles que as utilizam” (Scolari, 2010, p. 22).

Deve-se, no entanto, inserir essa perspectiva interacional de construção sociotecnológica de ambientes em um contexto de estruturas de poder que atravessam a produção cultural

no capitalismo. É essa a configuração que Bolaño (2000, p. 19) confere à “Indústria Cultural, que representa a nova forma de materialização das contradições da informação na situação histórica do capitalismo monopolista”. A Indústria Cultural possibilitou a ascensão do modo de vida capitalista ao se apoderar de bens culturais para convertê-los em mercadorias conforme padrões de consumo. Tal movimento se expressou, nas comunicações, com a convergência entre mídias e tecnologias digitais da comunicação e da informação, e em novas formas de regulação e concentração empresarial, como as plataformas digitais (Martins; Bolaño, 2025).

Acreditamos que o avanço de uma noção de ecossistema midiático de base sociotecnológica dependa de movimentos teóricos que atravessem essas duas dimensões de análise. A terceira parte do texto busca deduzir, a partir de literatura de referência, formas de expandir o conceito de ecossistema jornalístico. Foram, então, formuladas seis categorias que trazem características do ecossistema jornalístico.

1. INTERAÇÕES E INTERDEPENDÊNCIAS

A partir da ideia geral de ecossistema apresentada anteriormente, é possível delinear que esses ambientes sejam constituídos com base em dinâmicas relacionais, formando um conjunto imbricado de elementos diferenciados que se articulam e carregam certa harmonia, estabilidade e complementaridade. Na ecologia das mídias (Scolari, 2015), a perspectiva relacional é um de seus fatores primordiais: os ambientes são constituídos a partir de relações. Assim, um fator específico como a tecnologia é visto como relacionado a outros fatores socioeconômicos ou midiáticos, como transportes ou transmissão de informações, sendo capaz de estabelecer relações que podem gerar uma ideia de conjunto integrado em um ecossistema comunicacional. Nessa leitura, os meios de comunicação podem ser interpretados como ambientes (as tecnologias de comunicação geram ambientes que afetam os sujeitos que as utilizam) ou como espécies (as mídias seriam “espécies” que viveriam em um mesmo ecossistema e estabeleceriam relações entre si) (Scolari, 2015, p. 29-30).

Autores como Pavlik (2015, p. 20-21) consideram que as tecnologias digitais emergentes geram impactos nas relações entre mídia jornalística e sociedade em quatro aspectos: no trabalho jornalístico (interação entre profissionais e amadores), nas narrativas (integração de formatos, linguagens e dispositivos), na organização (tecnologias digitais integrando a dimensão interna da organização a ambientes digitais, como a computação

em nuvem) e na interação com públicos envolvidos na produção e engajados na circulação. Pela leitura de Scolari, as plataformas digitais seriam novas “espécies” atuando no ecossistema, o que afetaria todo o ambiente. Em seu modelo de análise, a ecologia das mídias seria uma “teorización expandida” (Scolari, 2015, p. 17) por abranger quase todos os aspectos dos processos de comunicação.

Entretanto, é reconhecível uma diferença semântica entre interatividade e interdependência. Se a primeira vê a interação como uma unidade que possa ser analisada isoladamente em uma relação entre atores, a interdependência indica uma dependência (normalmente estrutural) entre atores e destes com o ambiente. Dessa forma, uma análise crítica pode revelar uma rede estrutural de dependências de diversas ordens (tecnológicas, econômicas, políticas etc.). O estudo exige a consideração de aspectos como assimetria (diferenças na condição de dependência) e controle (poder para determinar graus e formas de interação) sobre os processos produtivos nesses ambientes digitais.

Diagnósticos problemáticos sobre esse cenário têm sido gerados. É nessa linha que van Dijck, Poell e de Waal (2018) observam as plataformas como arquiteturas digitais programáveis projetadas para organizar interações entre usuários (pessoas comuns), corporações e órgãos públicos. Por isso os autores utilizam o termo “ecossistema de plataformas” para denominar um conjunto de plataformas em rede, governadas por um conjunto específico de mecanismos que moldam as práticas cotidianas, como as grandes empresas de tecnologia (Alphabet/Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft). Martins e Bolaño (2025, p. 12) identificam uma “economia das plataformas digitais” e sua ampla incidência, capilaridade e diversidade, “constituindo-se, mais especificamente, em estruturas de mediação social, dividindo essa condição com outras instituições tradicionais”.

2. ESPACIALIDADE E TERRITORIALIDADE

O paradigma ecológico é profundamente enraizado no espaço e articulado às formas de vida que o habitam. Portanto, é inevitavelmente complexo, expressão dos sistemas naturais e sociais e das simbioses entre eles.

Esse olhar ecológico não é recente na comunicação e, particularmente, no jornalismo. Ao analisar a cidade como forma urbana, Robert E. Park (1955) visualizou o fenômeno urbano nos Estados Unidos no início do século XX para identificar as transformações na ocupação dos espaços, nas segregações sociais, nas formas de transporte e comunicação e

como esses fatores geraram novas formas de interação ou isolamento social. Park (1979, p. 26-67) olhou para o jornal com um fenômeno integrado a esse ambiente, passando a considerá-lo como o “grande meio de comunicação dentro da cidade”.

Estudos como o de Park e da Escola de Chicago podem ser alinhados em uma perspectiva da “ecologia humana” que, apesar do viés biologicista de leitura das sociedades urbanas naquele período, reconhece as dinâmicas de interação desses grupamentos e direciona para microanálises que possibilitam uma imersão no espaço social. Wahl-Jorgensen (2016) reconhece que Park e outros sociólogos de Chicago foram fortemente inspirados por concepções orgânicas de sociologia, mas visualiza a fecundidade dessas metáforas ecológicas para pensar ambientes digitais contemporâneos estruturados por tecnologias e interações em rede. Em linha geral, indica que os fatores que compõem esses ambientes não podem ser compreendidos isoladamente, mas por meio de uma análise sistemática de suas relações concretas (Wahl-Jorgensen, 2016).

De qualquer modo, a observação dos ecossistemas jornalísticos sob a perspectiva da ecologia humana executa um olhar sobre os ambientes enquanto espaços sociotecnológicos de interações entre três dimensões da experiência: a tecnologia (como infraestrutura e virtualização), a materialidade espacial (a comunidade e os contatos) e a informação (a simbolização sobre o cotidiano, os lugares e interações).

Formulações contemporâneas sobre as interrelações entre espaço e jornalismo encontram-se também em estudos de Aguiar (2016) sobre a territorialidade no campo da geografia das comunicações e de Camponez (2017) sobre jornalismo de proximidade. Este autor identifica no jornalismo regional e local um potencial para produzir uma informação “hiperlocal” ou alcançar “nichos de mercado de anúncios”. A proximidade comunitária geraria um “mercado da confiança” para leitores e anunciantes e um “mercado do conhecimento” sobre públicos, consumidores, situações e modos de vida (Camponez, 2017, p. 15).

A perspectiva ecológica produz, então, uma leitura integrada do meio de comunicação como coprodutor dos espaços sociais. Torna-se parte desse aparato social, econômico e tecnológico para compor um modo de estruturação e uso dos ambientes. Em contrapartida, David Harvey (1993, p. 219) considerou que essas sociedades capitalistas voltadas para a aceleração da experiência espacial e social poderiam viver experiências de “compressão do tempo-espaço” tanto nas práticas político-econômicas quanto sobre a vida social e

cultural que habita os espaços. A “[...] história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós” (Harvey, 1993, p. 219).

3. PERMEABILIDADE DOS ECOSSISTEMAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Essa característica reforça um traço comum aos ecossistemas jornalísticos: a porosidade ou permeabilidade nas relações entre atores ampliada pelas tecnologias digitais por meio de categorias como “fluxo” ou “atravessamento”. É possível localizar em Castells (2001) um cuidadoso desenho desse processo em sua leitura da compreensão de dinâmicas relacionais denominadas como “espaços de fluxo”.

O foco do autor é a nova sociedade informacional, em que as práticas sociais ocorrem por meio de fluxos, o que o leva a repensar a cidade: “[...] por causa da natureza da nova sociedade baseada em conhecimento [...], a cidade informacional não é uma forma, mas um processo, um processo caracterizado pelo predomínio estrutural do espaço de fluxos” (Castells, 2001, p. 423). Castells também descreverá a penetrabilidade das tecnologias digitais como um poder de reconfiguração dos processos sociais.

A porosidade dos ecossistemas jornalísticos à penetrabilidade das tecnologias digitais tem sido constatada por diversos autores. López-García e Vizoso (2021) denominam essa configuração de “periodismo de alta tecnologia”. Ao fazer o balanço dos 25 anos do ecossistema jornalístico digital na Espanha, Salaverría (2021) relativiza a necessidade de um recorte denominado “jornalismo digital” à medida que toda a atividade hoje já se digitalizou. Um levantamento cuidadoso realizado por Carvajal *et al* (2022) demonstra como essa penetrabilidade da tecnologia digital tem sido geradora de inúmeras inovações recentes no jornalismo espanhol (2010-2020), produzindo impacto organizacional, industrial e social. Resultados semelhantes são obtidos por Arias-Robles, Valero-Pastor e Carvajal (2023), indicando a forte dependência das inovações jornalísticas às tecnologias digitais.

4. DINÂMICAS E RELAÇÕES DE PODER DOS ECOSSISTEMAS

A configuração de um ecossistema midiático no horizonte das tecnologias digitais de comunicação e informação baseia-se em um caráter relacional do exercício do poder. Do ponto de vista da dimensão sociotecnológica, esses ecossistemas apresentam duas

características que expressam o aspecto dinâmico das práticas sociais: o caráter flexível, descentralizado e interdependente de uma “sociedade em rede” - a rede é um “conjunto de nós interconectados” (Castells, 2001, p. 498); a emergência de uma “sociedade informacional” em que “a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder” (Castells, 2001, p. 46).

Para Castells (2009, p. 44), poder é a capacidade relacional de impor a vontade de um ator sobre outro com base no potencial estrutural de dominação integrado às instituições da sociedade. O autor identifica duas principais formas de poder na sociedade organizada em redes digitais: resultante da produção de significados pelas mídias e atores com perfil midiático; e poder de controle sobre o acesso, circulação e visibilidade de pessoas e conteúdos nas redes. No segundo caso, o acesso facilitado pelas tecnologias de rede aumenta a capilaridade dos atores e a horizontalidade da rede; ao mesmo tempo, o controle sobre as regras de funcionamento das infraestruturas tecnológicas das plataformas cria uma verticalidade de poder. Entre o controle dessas engrenagens está o “poder de processamento” (Castells, 2001) dos dados que essas plataformas recolhem dos usuários.

Concordamos, no entanto, com Bolaño (2011) quando ele afirma que os modos de dominação política, exploração econômica e reprodução ideológica do capitalismo informacional se mantêm no desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. Por um lado, os agentes de desenvolvimento capitalista se beneficiam com novas estratégias de ação nas redes digitais, em que “as assimetrias são estruturas constitutivas” e garantem a existência de uma “complexa hierarquia” que “detém maior capital econômico, político ou simbólico” (Bolaño, 2011, p. 39). Por outro lado, o “caráter interativo da rede” abre possibilidade para a criação de comunidades e formação de uma “imprensa independente e comprometida com os movimentos sociais” (Bolaño, 2011, p. 39).

Assim, entendemos que esse cenário de disputa de poder tende a ser mais claramente percebido se considerado a partir da dupla noção de ecossistema sociotecnológico como dimensão relacional/interacional das práticas de poder e dimensão da materialidade das estruturas de poder.

Além disso, as assimetrias estruturais dos ecossistemas levam a diferentes experiências de exercício do poder nesses ambientes, seja por meio das formas de poder caracterizadas pelas estratégias de concentração de capital oligopolista, seja por práticas que operam na capilaridade dos sistemas com maior potencial de horizontalidade das interações, em

uma perspectiva de micropolítica que aponta possibilidades de autonomia e insurgência dos atores no ecossistema.

5. FRAGMENTAÇÕES, RESISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E INSURGÊNCIAS

A leitura dos 38 relatórios com diagnósticos sobre o jornalismo contemporâneo indicou uma percepção de que um ecossistema apresenta instabilidades, fragilidades e vulnerabilidades. Também foram apontadas precariedades na oferta de serviços e produtos jornalísticos que ocorrem com base em operações de algoritmos.

Anderson, Bell e Shirky (2012) identificam uma das razões para essa fragilidade do ecossistema jornalístico: estaríamos em uma época de “pós-redação”, em que esse ambiente (lugar simbólico de convívio e produção jornalística dentro da organização) perde a centralidade no processo jornalístico. Deuze e Witschge (2016) propõem a superação do entendimento da organização jornalística como uma instituição estável e distinta dos demais atores sociais, o que afeta também o trabalho jornalístico, visto como cada vez mais fragmentado e em rede. Reese (2022, p. 256, tradução nossa)¹ reconhece que o hibridismo dos sistemas de mídia manifesta-se em processos de “integração e fragmentação” entre lógicas de mídia mais antigas e mais novas, em que a circulação de notícias em espaços como redes sociais digitais mistura-se com produtos diversos e cria um fluxo de notícias fragmentadas.

Podemos então supor que um ecossistema midiático/jornalístico é um constructo teórico que reconhece um ambiente digital como sendo formado por duas lógicas: a fragmentação típica dos sistemas de mídia atuais nesse ambiente digital em rede e a conexão como lógica relacional de operação dos sistemas sociotecnológicos em geral, mesmo em situações de dispersão, estando o jornalismo com uma crescente dependência em relação aos demais atores midiáticos e não midiáticos do sistema.

As fragmentações nos ecossistemas jornalísticos também são brechas para a emergência de lutas dentro dos ecossistemas digitais comunicacionais. Estratégias como midialivismo, midiativismo e a estética de combate (Bentes, 2015) revelam uma dimensão de insurgência na apropriação e no uso dessas tecnologias sociais para potencializar suas lutas políticas, mesmo por dentro da operação das grandes plataformas.

Um dos exemplos mais conhecidos dessa insurgência de novos atores no ecossistema informacional foi a investida do portal WikiLeaks², liderada por seu fundador, Julian

Assange, em 2006, para gerar o vazamento de milhares de arquivos confidenciais dos Estados Unidos sobre sua atuação política internacional, fazendo o ativista ser perseguido pela justiça daquele país durante anos, até ser preso e libertado por acordo judicial.

Esta estratégia inaugurou uma “era dourada para vazamentos massivos de informações” (Viana, 2024), como os Panama Papers e os Offshores Leaks, e no Brasil os documentos da Vaza Jato. Gerou, inclusive, uma parceria em 2010 entre o WikiLeaks e os cinco maiores jornais do mundo, mais a *Folha de S.Paulo*, que publicaram milhares de telegramas diplomáticos dos Estados Unidos envolvendo a diplomacia de mais de uma centena de países, no caso conhecido como Cablegate (Viana, 2020). Ou seja, alianças entre atores jornalísticos e não jornalísticos com forte impacto nesse novo ecossistema jornalístico digital.

6. MUTAÇÃO CONTÍNUA, HIBRIDISMO E FLUIDEZ

Esta característica busca afirmar a instabilidade de um ecossistema em suportes digitais, com suas relações e estruturas posicionais transitórias e temporais, indicando a potencialidade das mudanças que esse ambiente carrega. Há uma dinâmica de movimentos e fluxos de informação em um tempo contínuo, instantâneo, de afetação recíproca.

Complexidade, diversidade e imprevisibilidade são dinâmicas recorrentes aos ecossistemas. Castelfranchi (2010) observa a comunicação da ciência como um ecossistema complexo, em que o fluxo comunicacional nem sempre parte dos cientistas ou suas instituições, nem é mediado por jornalistas ou educadores. Blogs e redes sociais digitais acolhem grupos organizados (pacientes de doenças raras ou ambientalistas, por exemplo) que se especializam no conhecimento e na linguagem técnica.

Nos estudos sobre hibridismo, há também essa instabilidade. Mast, Coesemans e Temmerman (2017) lembram que o termo tem uma de suas origens na biologia para nomear seres vivos que têm pais de diferentes espécies ou variedades. Na sua transposição para o campo da sociedade e da cultura, adquiriu sentido flutuante, seja negativo (ideia de diluição dos antecedentes) ou positivo (expansão da capacidade de crescimento). Para Ibarra Herrera (2020), um sistema de mídia híbrido é definido como um novo tipo de sistema no qual as mídias tradicionais e emergentes gradualmente se fundem, mudam e fluem para criar novas formas. No ambiente digital, meios tradicionais e redes sociais se modelam e se constroem mutuamente.

Na aplicação jornalística, segundo Mast, Coesemans e Temmerman (2017), hibridismo indica a intensificação de formas híbridas de notícias, maior porosidade entre jornalismo e entretenimento e maior integração entre as instituições jornalísticas e as plataformas de redes sociais digitais, o que demanda um tratamento interdisciplinar. Reese (2022) questiona se esse cenário de “*hybrid media system*” (Chadwick, 2013) no ambiente digital contemporâneo afeta a ideia de instituição jornalística. Apesar da fluidez entre lógicas midiáticas antigas e novas, que estão continuamente em processos de integração e fragmentação, expressando sobreposições, entrelaçamentos e coevoluções (Reese, 2022), o autor não considera esse hibridismo suficiente para deslegitimar o caráter institucional do jornalismo construído em tempo mais longo.

Deuze e Witschge (2016, p. 8) optam por observar o jornalismo como uma atividade em “permanente estado de fluxo”, menos estável, mas como um objeto em movimento. López-García e Vizoso (2021, p. 2) consideram as altas tecnologias dos ambientes digitais (drones, robôs, realidade virtual, automação, internet das coisas, tecnologia 5G, realidade virtual etc.) um dos fatores para que esses ecossistemas comunicativos estejam em mutação permanente e em renovação do sistema de produção jornalística.

CONCLUSÕES

Acreditamos que a proposta analítica deste artigo, direcionada a configurar ecossistemas comunicacionais (midiáticos e jornalísticos), apresenta fecundidade. O percurso realizado exercitou um movimento analítico entre uma dimensão relacional e interacional dos ecossistemas e uma dimensão material das estruturas de poder existentes. Mostrou-se oportuno trabalhar com categorias como: perspectiva relacional, espacial, híbrida, fragmentada e fluida.

O olhar sobre ambientes, estruturas e interações sinalizou a delimitação de dois possíveis tipos de ecossistemas sociotecnológicos:

- a) ecossistemas baseados em tecnologias digitais: ambientes configurados por interações cujo principal laço de conexão entre os atores e elementos do ecossistema são as tecnologias digitais, que criam possibilidades, estruturas, formas de vínculo, interações e experiências sociais. São fundamentalmente transversais aos ambientes sociais e às estruturas de poder existentes. Há aqui uma intencionalidade dos sistemas de máquina baseados em dados, atravessados por projetos de poder.

- b) ecossistemas midiático-jornalísticos: ambientes configurados por interações cujo principal modo de conexão entre os atores e elementos do ecossistema é a busca por comunicação. Há aqui uma intencionalidade comunicacional e uma intencionalidade de atuar comunitária ou solidariamente (Bolaño, 2011): a comunicabilidade é a intenção que justifica a existência do ecossistema e se manifesta em interações específicas. A informação que dá sentido às interações atua como simbolização que conecta o mundo social.

Embora reconheçamos a riqueza e diversidade da literatura pesquisada, tentamos indicar, ao mesmo tempo, que as obras apresentam imprecisões ou insuficiências para corporificar essa transição sociotécnica. Assim, as seis características desses ecossistemas sociotecnológicos, moduladas no âmbito da experiência comunicacional, trazem esse esforço de uma delimitação mais precisa do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil**. Petrópolis: Vozes: Editora PUC-Rio, 2016.
- ANDERSON, Christopher William. News ecosystems. In: WITSCHGE, Tamara; ANDERSON, Christopher William; DOMINGO, David; HERMIDA, Alfred (ed.). **The SAGE handbook of digital journalism**. London: Sage, 2016. p. 410-423.
- ANDERSON, Christopher William; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-industrial journalism: adapting to the present**. New York: Tow Center for Digital Journalism: Columbia Journalism School, 2012.
- ARIAS-ROBLES, Félix; VALERO-PASTOR, José M.; CARVAJAL, Miguel. Dependencia y externalización tecnológica en las innovaciones periodísticas de los medios españoles (2014-2021). **Doxa Comunicación**, v. 37, p. 453-478, 2023. Doi: 10.31921/doxacom.n37a1834.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BENTES, Ivana. **Mídia-multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- BOLAÑO, César. **Indústria cultural, informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec: Polis, 2000.
- BOLAÑO, César. A economia política da internet e da chamada convergência. In: BOLAÑO, César; HERSCOVICI, Alain; CASTAÑEDA, Marcos; VASCONCELOS, Daniel (org.). **Economia política da internet**. São Cristóvão: EdUFS: Fundação Ford, 2011. p. 19-85.
- BROWNE, Harry. Foundation-funded journalism: reasons to be wary of charitable support. **Journalism Studies**, v. 11, n. 6, p. 889-903, 2010. DOI: 10.1080/1461670X.2010.501147.

- CAMPONEZ, Carlos. **Media e jornalismo de proximidade na era digital**. Covilhã: LabCom Books, 2017.
- CANAVILHAS, Joao. El nuevo ecosistema mediático. *index.comunicación*, v. 1, n. 1, p. 13-24, 2011. Disponível em: <https://journals.sfu.ca/indexcomunicacion/index.php/indexcomunicacion/article/view/4>. Acesso em: 25 maio 2023.
- CAREY, James W. Canadian communication theory: extensions and interpretations of Harold Innis. In: ROBINSON, Gertrude Joch; THEALL, Donald F. (ed.). **Studies in canadian communications**. Montreal: McGill Programme in Communications, 1975. p. 27-59.
- CARVAJAL, Miguel *et al.* Las innovaciones periodísticas más destacadas en España (2010-2020): características e impacto organizacional, industrial y social. *Profesional de la información*, v. 31, n. 3, 2022. Doi: 10.3145/epi.2022.may.04.
- CASTELFRANCHI, Yuri. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: MASSARANI, Luisa (org.). **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 13-21.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 1.
- CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. New York: Oxford University Press, 2009.
- CHADWICK, Andrew. **The hybrid media system: politics and power**. New York: Oxford University Press, 2013.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando. *Parágrafo*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 7-21, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>. Acesso em: 1º out. 2018.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.
- IBARRA HERRERA, Daniela. Análisis discursivo en sistemas híbridos de medios: una aproximación metodológica. *Logos*, v. 30, n. 2, p. 314-330, 2020. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-32622020000200314. Acesso em: 3 jun. 2021.
- INNIS, Harold A. **Empire and Communications**. Oxford: Clarendon Press, 1950.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2001.
- LÓPEZ-GARCÍA, Xosé; VIZOSO, Ángel. Periodismo de alta tecnología: signo de los tiempos digitales del tercer milenio. *Profesional de la información*, v. 30, n. 3, 2021. DOI: 10.3145/epi.2021.may.01.
- LÓPEZ-GARCÍA, Xosé; SILVA-RODRÍGUEZ, Alba; VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge. Evolution, trends and future of native media: From avant-garde to the epicenter of the communications ecosystem. *Profesional de la información*, v. 32, n. 2, 2023.

MARTINS, Helena; BOLAÑO, César. Para uma crítica da economia política das plataformas digitais: a configuração de uma nova estrutura de mediação social. **Contracampo**, Niterói, v. 44, n. 1, 2025. Doi: 10.22409/contracampo.v44i1.65506.

MAST, Jelle; COESEMANS, Roel; TEMMERMAN, Martina. Hybridity and the news: Blending genres and interaction patterns in new forms of journalism. **Journalism**, v. 18, n. 1, p. 3-10, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884916657520>. Acesso em: 20 set. 2025.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOSCO, Vincent. **The political economy of communication**. 2. ed. London: Sage Publications, 2009.

MOSCO, Vincent. Economia Política do Jornalismo. In: CABRAL, Eula Dantas Taveira; DOURADO, Jacqueline Lima; LOPES, Denise Maria Moura da Silva; MARQUES, Renan da Silva (org.). **Economia política do jornalismo: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional**. Teresina: EDUFPI, 2016. p. 43-67.

PARK, Robert E. Natural History of the Newspaper. In: **Society: collective behavior, news and opinion, sociology and modern society**. Illinois: The Free Press, 1955. p. 89-104.

PARK, Robert E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 26-67.

PAVLIK, John V. Transformation: examining the implications of emerging technology for journalism, media and society. **Athens Journal of Mass Media and Communications**, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2015. DOI: 10.30958/ajmmc.1-1-1.

PICARD, Robert G. Twilight or new dawn of journalism? **Journalism Studies**, v. 15, n. 5, p. 500-510, 2014. Doi: 10.1080/1461670X.2014.895530.

REESE, Stephen D. The institution of journalism: Conceptualizing the press in a hybrid media system. **Digital Journalism**, v. 10, n. 2, p. 253-266, 2022. Doi: 10.1080/21670811.2021.1977669.

SALAVERRÍA, Ramón. Veinticinco años de evolución del ecosistema periodístico digital en España. In: SALAVERRÍA, Ramón; MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (coord.). **Medios nativos digitales en España: caracterización y tendencias**. Salamanca: Comunicación Social, 2021. p. 21-35. Doi: <https://doi.org/10.52495/c1.emcs.7.p92>.

SCOLARI, Carlos A. Introdução: Ecologia de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá). In: SCOLARI, Carlos A. (ed.). **Ecología de los medios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. p. 11-24.

SCOLARI, Carlos A. Media ecology: map of a theoretical niche. **Quaderns del CAC**, Barcelona, v. 13, n. 1, p. 17-25, 2010. Disponível em: https://www.cac.cat/sites/default/files/2019-04/Q34_Scolari_EN.pdf. Acesso em: 19 jan. 2024.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: public values in a connective world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VIANA, Natalia. O ano em que o WikiLeaks mudou o mundo. **Agência Pública**, São Paulo, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/11/o-ano-em-que-o-wikileaks-mudou-o-mundo/>. Acesso em: 3 ago. 2023.

VIANA, Natalia. O mundo é melhor depois dos vazamentos do WikiLeaks? **Nexo Jornal**, São Paulo, 2 set. 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/o-mundo-e-melhor-depois-dos-vazamentos-do-wikileaks>. Acesso em: 3 mar. 2023.

WAHL-JORGENSEN, Karin. The Chicago School and ecology: a reappraisal for the digital era. **American Behavioral Scientist**, v. 60, n. 1, p. 8-23, 2016. Doi: 10.1177/0002764215601709.

WIARD, Victor. News ecology and news ecosystems. **Oxford Research Encyclopedia of Communication**, 25 fev. 2019. Doi: 10.1093/acrefore/9780190228613.013.847.

NOTAS FINAIS

1. No original: “integration and fragmentation”
2. Disponível em: <https://wikileaks.org/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

SOBRE O AUTOR

CARLOS EDUARDO FRANCISCATO Professor da Universidade Federal de Sergipe. Mestre e Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria e Especialização em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). E-mail: cfranciscato@uol.com.br

Artigo recebido em: 13 de agosto de 2025.

Artigo aceito em: 21 de outubro de 2025.